

## **Questões sociais exigem dos católicos alegria e confiança**

Obrigado Teresa Lima por nos trazeres a força da escrita de Mário Cesariny. O poeta transforma as palavras, a palavra, em algo quase comestível. Com ele a palavra fica tão perto de poder ser tudo aquilo que o homem transporta e de que precisa!

*“E entre nós e as palavras, o nosso dever falar”.*

Boa tarde, chamo-me Jorge Wemans e tentarei falar-vos com a gravidade necessária às coisas por dizer, mas com a alegria de quem já não é a primeira vez que nesta sala se encontra, se reencontra. Estas sessões são uma história demasiado curta para se terem tornado um hábito, até porque em cada uma delas nos dispomos a escutar vozes sempre diferentes. Mas a cumplicidade e a convergência que as torna possíveis já não se restringe ao núcleo inicial de organizadores e representantes das três dezenas de movimentos e organizações responsáveis por esta iniciativa. Essa cumplicidade e tal responsabilidade partilhada estendem-se a muitas mais pessoas: aos que aqui estão, aos que estiveram em anteriores sessões, aos que não puderam vir hoje e aos que, embora ausentes, nos incentivam e encorajam a levar este projeto por diante.

No início desta primeira de duas sessões dedicadas às questões sociais no território da Diocese quero dar-vos as boas-vindas falando-vos de alegria e de confiança. Alegria que, como dizia, nasce de aqui nos encontrarmos, intuindo uma procura comum que faz de cada um de nós mais do que uma

triste *consciência isolada*; que nos exige, a partir do reconhecimento sugerido pelo olhar do outro em nós, romper com o que nos *transforma em pessoas ressentidas, queixosas, sem vida*.

Sim, a alegria é difícil em *algumas etapas e circunstâncias da vida, por vezes muito duras, ou por causa das graves dificuldades que muitas pessoas têm de suportar*. Sobretudo nestes anos e neste território sujeitas, as pessoas, a uma brutal, inesperada e injusta perda de rendimentos, direitos, protagonismo e de expectativas de futuro.

Neste contexto, a alegria pode parecer coisa tola, fuga da realidade, subterfúgio intimista. Ou esquecimento do *mal enquanto um limite fundamental do ser humano e um obstáculo permanente ao desenvolvimento do viver uns com os outros* – esquecer-lo seria ainda omitir a necessária *responsabilidade coletiva para o confrontar e para alimentar o combate contra as suas consequências sociais*. Não, a alegria não esquece os outros, a realidade social, o sofrimento. Mas é, ela própria, argumento, reivindicação e sinal da vida digna, da vida plena, da vida em abundância para a qual nascemos, nós, cada um de nós e todos os homens e mulheres.

No âmbito **do Escutar a Cidade**, neste processo de nos deixarmos interrogar por vozes de pessoas que, vivendo no mesmo tecido social, não partilham a mesma condição de pertença eclesial, parece-me justo recordar a particular responsabilidade dos católicos no que toca à alegria que *renova o coração do homem, transforma as relações sociais e liberta as possibilidades de futuro*, afirmando-o como necessariamente risonho.

A alegria daqueles e daquelas que sabem ser amados de modo inabalável é, como lembra o Papa Francisco – cujas palavras tenho vindo a citar sem nomear o autor – uma força que *os impele para a frente* e é, ao mesmo

tempo, reconhecimento do mistério da vida, mistério incompatível com a autossuficiência sobranceira do pensamento que ilude o debate sobre a questão dos fins e se ergue *contra a consciência dos limites, das fronteiras ou da fragilidade – os lugares a partir dos quais é possível pensar a fraternidade solidária.*

Finalmente, uma palavra sobre a confiança. Diante da devastada paisagem económica e social portuguesa falar de confiança pode parecer despropositado, ou repetição de “slogan” partidário. Nem uma nem outra.

Não se trata de propalar que depois de tempos duros começamos a chegar ao fim do túnel, ou de que outros quaisquer nos tirarão mais depressa do túnel. A confiança de que vos quero falar diz respeito à nossa capacidade de agir coletivamente. De agir bem, de agir com vista ao bem comum.

A ideologia que produziu a atual catástrofe social e económica ao concretizar políticas brutais de transferências de rendimento dos cidadãos, das famílias e do Estado para os bancos, as maiores empresas e os grandes grupos económicos, com o objetivo de salvar um sistema financeiro em colapso, esta ideologia canta-nos todos os dias a morte da ação coletiva enquanto faz o elogio da iniciativa individual, do primado do privado sobre o público, o comum, o de todos.

Tudo isto pressupondo *que todo o crescimento económico, favorecido pelo livre mercado, consegue por si mesmo produzir maior equidade e inclusão social no mundo. Esta opinião, que nunca foi confirmada pelos factos, exprime uma confiança vaga e ingénua na bondade daqueles que detêm poder económico e nos mecanismos sacralizados do sistema económico reinante.*

Contra estes pressupostos enganadores, nós afirmamos a nossa confiança no pensar, no decidir e no agir em conjunto. É o **Escutar a Cidade** um

exemplo que alimenta essa confiança. Debatida e consciencializada a sua necessidade, organizada a convergência e a solidariedade de várias comunidades e de muitas pessoas, vencidos medos e dúvidas, apoiados pelo estranho caso da disponibilidade manifesta por aqueles que convidámos, aqui estamos, encontrados num possível que antes não existia, criando algo sem valor nos mercados que contam. Porém sem preço, absolutamente precioso, para quem quer uma cidade mais justa e uma Igreja à escuta dela, para melhor servir os homens e as mulheres que nela habitam.

Termino agradecendo a presença de todos e, de modo especial a presença de D. Manuel Clemente, patriarca de Lisboa, o primeiro culpado por estarmos hoje aqui. Renovo o agradecimento à Teresa Lima pela imediata disponibilidade com que respondeu ao convite para conosco colaborar do modo como só ela sabe fazer. E, claro, agradeço profundamente aos oradores que vão usar da palavra neste fim de tarde.

Desde a primeira hora que o nome de João Ferrão se impôs ao grupo organizador. Se queríamos escutar quem nos ajude a olhar para o território da Diocese, para as pessoas, os atores, os impasses e as dinâmicas que o habitam, teríamos de ouvir a voz de João Ferrão. Acertar datas com ele não foi fácil, tendo-nos obrigado mesmo a alterar a sequência dos temas destes encontros. Mas, estou seguro, ao ouvi-lo vão-nos dar razão por assim o termos feito.

João Ferrão é licenciado em Geografia e doutorado pela Universidade de Lisboa em Geografia Humana. É investigador coordenador do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e pró-reitor da Universidade de Lisboa. Passo as restantes funções académicas que exerce para lembrar que

assumiu durante 4 anos responsabilidades governativas no Ordenamento do Território e das Cidades. É autor de inúmeros estudos e de várias publicações. Lança no próximo dia 12, às 18h00, no ICS uma nova obra que coordenou e a que deu o título: “**A Economia do Futuro. A Visão de Cidadãos, Empresários e Autarcas**”. João Ferrão deu à sua comunicação de hoje o título: “Cidade, um espaço de comunidades com sentido de futuro?”.

Jorge Wemans

Lx., 05.03.2015

Nota – em *itálico*: citações do Papa Francisco (E.G.) e do reitor do Instituto Católico de Paris, Philippe Bordeyne.